

# A construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 no português brasileiro

Karen Braga Alonso<sup>a</sup>

Carolina Piechotta Martins Santos<sup>b</sup>

## Resumo

*Este estudo se dedica à descrição da construção relacional do tipo SN1 de SN2 em termos de sua natureza polissêmica, isto é, da possibilidade de se associar a diferentes sentidos que estariam relacionados, como finalidade, parte-todo e identificação, entre outros. Defendemos aqui que os sentidos veiculados por essa construção podem ser associados a um modelo cognitivo de ponto de referência, conforme proposto por Langacker (1991, 2003). Nossa análise está orientada pelo enquadre teórico da Linguística Baseada no Uso, por entendermos que a gramática de uma língua é modelada via processos cognitivos de domínio geral e ancorada na experiência do falante.*

**Palavras-chave:** Construções relacionais. Polissemia. Linguística Baseada no Uso.

Recebido em: 08/03/2020

Aceito em: 11/05/2020

<sup>a</sup> Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UFRJ). Contato: karensampaio@letras.ufrj.br.

<sup>b</sup> Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: carolpms@hotmail.com.

## Introdução

No presente artigo, pretendemos descrever uma construção de base nominal bastante produtiva na língua portuguesa, a saber SN1 de SN2, a qual pode ser ilustrada em colocações do tipo *cadeira de praia*, *banco de praça*, *livro de Matemática* etc. Como podemos observar, tais colocações evocam relações de sentido diversas entre os elementos que ocupam cada um dos dois *slots* abertos da construção. Em *cadeira de praia*, por exemplo, existe uma relação de finalidade, em que praia é o lugar-fim para a criação do tipo de cadeira referenciado pela colocação como um todo. De forma análoga, em *livro de Matemática*, observamos uma relação de identificação entre os dois referentes, em que o livro foi identificado levando-se em consideração a informação sobre o assunto de que trata. Então, o que podemos observar, já de início, é que a gramática simboliza diferentes relações de sentido por meio da forma SN1 de SN2.

Cognitivamente, o falante relaciona dois conceitos, tomando um como ponto de referência (LANGACKER, 1991; 2003) para se conhecer o outro: *praia* para se conhecer *cadeira* e, assim, formar um conceito novo, que é o de *cadeira de praia*; *Matemática*, para se conhecer *livro*, identificando um livro diante dos demais, etc. Assumindo, portanto, que o usuário da língua relaciona dois referentes para construir um dado conceito, julgamos ser adequada a denominação da construção SN1 de SN2 como *construção relacional*. Além disso, pelo fato de que várias relações de sentido (finalidade, identificação etc.) podem ser veiculadas via construção relacional, postulamos que essa é uma construção polissêmica. Nas palavras de Haiman (1985, p. 26, grifo do autor), a polissemia dá conta de “sentidos relacionados mapeados em uma única forma”, sendo que, para ele, “operacionalmente, polissemia pode ser definida como homonímia recorrente, dada a hipótese de que *similaridade recorrente de forma deve refletir similaridade de significado*”.

A referida construção relacional polissêmica SN1 de SN2, tomada como objeto desta pesquisa, caracteriza-se por ser formalmente composta por dois *slots* de SN abertos (sendo o SN1 o núcleo da construção) intermediados pela preposição *de*, que se apresenta fixa na construção. Para o presente artigo, restringiremos a análise aos casos em que

não há presença de determinantes ligados ao SN2, como os que se vê em (a) e (b), a seguir:

- (a) banqueta do bar
- (b) baqueta daquele bar
- (c) banqueta de bar

Em (a) e (b), o *bar* referido é definido, o que não ocorre em (c), em que *bar*, apresentando-se como um nome nu, evoca o conceito do elemento tomado genericamente. Nesse caso, a leitura não faz alusão a uma banqueta definida de um bar definido – como em (a) e (b) –, mas do tipo específico de banqueta que se encontra normalmente em bares, ou seja, uma banqueta alta, para que o cliente possa ser atendido no balcão. Essa delimitação dos dados aqui instituída se deve ao fato de que nos interessam, especialmente, colocações com alta chance de se tornarem formas rotinizadas pelo falante ao se referir a coisas concretas, abstratas, reais ou imaginadas. Assim, por hipótese, construções relacionais com SN2 não definido tendem a ser interpretadas de forma mais qualitativa, como a que se vê na leitura geral de *uma especificidade de X* – um tipo específico de cadeira, de mesa, de banqueta etc.

Por conta disso, também estamos deixando de lado casos em que o SN2, mesmo que não apresentando determinante a ele relacionado, seja nome com referência definida, conforme se pode observar em colocações em que o SN2 é um nome próprio. Em *livro de Pedro e casa de Ana*, por exemplo, *Pedro e Ana* são referentes definidos, o que faz com que esse tipo de colocação apresente forte restrição à rotinização e rotulação dos elementos do mundo à nossa volta ou da nossa imaginação, já que colocações desse tipo estão atreladas a uma situação muito particular, que envolve referente conhecido por, pelo menos, um dos interlocutores.

Por princípio, formas que frequentemente ocorrem juntas em uma sequência sintagmática fixa costumam ser interpretadas como um bloco (*chunk*) e, sendo comunicativamente eficientes, tendem a se espalhar por uma dada comunidade linguística. Assim, algumas colocações ligadas à construção SN1 de SN2 podem ser tomadas como a forma típica de etiquetar certos referentes, a exemplo de *mesa de cabeceira, bola de futebol* etc.

A construção de que estamos tratando é, como já dito, polissêmica e, assim, é associada a sentidos diferentes, os quais não tendem a ser expressos via morfologia, por exemplo. Seguindo esse mesmo raciocínio, vejamos a afirmativa de Talmy (2006, p. 71, grifo do autor):

Começamos com uma simples demonstração de que conceitos especificados por formas gramaticais são restritos em dois sentidos: quanto às suas categorias e quanto aos membros dessas categorias. Muitas línguas apresentam flexão no nome que especifica o “*número*” de um objeto referido pelo nome, como, por exemplo, sua ‘singularidade’ ou ‘pluralidade’, como o inglês -Ø e -s. Por outro lado, nenhuma língua parece apresentar flexões que especificam a “*cor*” do objeto referido pelo nome, ou seja, sua ‘vermelhidão’ ou ‘azulidade’.<sup>1</sup>

De forma análoga, relações de sentido como as de finalidade, parte-todo, identificação, etc. aparentemente também não tendem a ser expressas via morfemas, mas por meio de uma construção de sintagma nominal complexo – no caso, a construção relacional do tipo SN1 de SN2 –, que é um mecanismo gramatical pelo qual o falante passa a construir novos significados por meio de formas já existentes.

Tendo em vista esse panorama, delimitamos, portanto, como objeto deste estudo, o conjunto de dados da construção relacional polissêmica SN1 de SN2, em que o SN2 não é definido. Como objetivo geral do trabalho, pretendemos descrever como a referida construção se vincula a diferentes sentidos e está associada à habilidade de ponto de referência. Dito isso, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- (i) Demonstrar como a relação de ponto de referência (conforme o descrito em Langacker, 1991, 2003) está na base da construção do sentido de SN1 de SN2, por meio da observação das colocações preferidas resultantes de busca em *corpus* informatizado.
- (ii) Discriminar e definir as principais relações de sentido associadas a SN1 de SN2, como, por exemplo, identificação, parte-todo, finalidade, entre outras.

<sup>1</sup> No original: “We begin with a simple demonstration that the concepts specified by grammatical forms are constrained in two ways: as to their categories and as to the membership of these categories. Many languages have inflections on the noun that specify the “*number*” of the object referred to by the noun, for example its ‘singular’ or ‘plural’, like the English -Ø and -s. By contrast, no languages appear to have inflections that specify the “*color*” of the object referred to by a noun, e.g., its ‘redness’ or ‘blueness.’”

As seguintes hipóteses estão relacionadas com os objetivos específicos apresentados, respectivamente.

- (i) Em relação ao primeiro objetivo, assumimos, por hipótese, que o falante constrói um dado significado, baseando-se na relação entre dois conceitos que previamente conhece. No caso de SN1 de SN2, o mecanismo cognitivo por meio do qual ele opera essa relação pode ser encontrado na descrição que Langacker (1991, 2003) faz sobre ponto de referência.
- (ii) Assumindo essa relação de ponto de referência, postulamos que diferentes sentidos podem motivar a associação entre os dois itens: como os de finalidade, parte-todo, identificação etc.

Estabelecidos nossos objetivos e hipóteses, faremos, em seguida, uma breve apresentação do arcabouço teórico da Linguística Baseada no Uso, procurando demonstrar como essa corrente pode oferecer uma retórica convincente acerca do fenômeno aqui analisado.

### **A contribuição da Linguística Baseada no Uso**

A Linguística Baseada no Uso, tomada como aporte teórico-epistemológico do presente estudo, defende que a gramática de uma língua é estruturada por meio de processos cognitivos de domínio geral, não especificamente linguísticos, tais como categorização, *chunking*, analogia, associação transmodal, entre outros. De acordo com Bybee (2010, p. 1),

---

<sup>2</sup> No original: "A focus on the dynamic processes that create language also allows us to move away from an exclusive focus on linguistic structures and formulate a broader goal: to derive linguistic structure from the application of domain general processes. In this context, domain-general processes would be those that can be shown to operate in areas of human cognition other than language."

Um foco nos processos dinâmicos que criam língua nos permite também ir além do foco exclusivo na estrutura linguística e estabelecer um objetivo mais amplo: derivar estrutura linguística da aplicação de processos cognitivos de domínio geral. Nesse contexto, processos cognitivos de domínio geral seriam aqueles que operam em outras áreas da cognição além da área da linguagem.<sup>2</sup>

Nesse sentido, a gramática é resultante da atuação desses processos cognitivos de domínio geral, os quais modelam a experiência linguística e não linguística do

falante. Nesse sentido, a gramática é ancorada na experiência, sendo sua estrutura, portanto, estatisticamente sensível a dados de uso. De fato, toda experiência do falante impacta cognitivamente na representação mental que ele faz das estruturas de sua língua. E, assim sendo, entende-se que gramática é um conjunto, organizado em forma de rede, de unidades simbólicas que pareiam forma e sentido ou, em outras palavras, construções.

Para Goldberg (2006, p.5), “todos os níveis da gramática envolvem construções: pareamentos aprendidos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, idiomatismos, padrões sintagmáticos parcialmente preenchidos lexicalmente ou totalmente gerais”. Ainda, a autora (GOLDBERG, 2006, p. 5) afirma que:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, na medida em que algum aspecto de sua forma ou função não é previsível estritamente de suas partes componentes ou a partir de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo que seja, completamente previsíveis, se ocorrerem com frequência suficiente.<sup>3</sup>

Tratando da interação entre generalização e experiência, Hilpert (2015, p. 9) afirma que “mais especificamente, podemos dizer que uma construção é uma generalização que os falantes fazem por meio de uma série de encontros com formas linguísticas”<sup>4</sup>. Sendo assim, relacionando tal perspectiva ao escopo do presente trabalho, entendemos que o falante se depara com usos de colocações do tipo *mesa de cabeceira, colher de pau, cadeira de balanço*, entre outros e, para além da abstração da própria colocação, generaliza uma forma do tipo SN1 de SN2 associada ao mecanismo cognitivo de ponto de referência, nos termos de Langacker (1991, 2003).

Entendendo que o artigo se propõe a analisar uma construção lexical, ressalta-se que uma gramática de construções não faz uma diferença rígida entre léxico e sintaxe. Em vez disso, compreende-se que:

construções lexicais e construções sintáticas diferem em complexidade assim como no quanto sua forma fonológica é especificada, mas tanto a construção lexical quanto a construção sintática são essencialmente o mesmo tipo de

<sup>3</sup> No original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.”

<sup>4</sup> No original: “More specifically, we can say that a construction is a generalization that speakers make across a number of encounters with linguistic forms.”

estrutura de dados representados declarativamente: ambas são pareamentos de forma e sentido (GOLDBERG, 1995, p. 7)<sup>5</sup>.

Construções gramaticais capturam o conhecimento linguístico do falante (GOLDBERG, 2013). Portanto, tomar uma dada construção como objeto de estudo é procurar entender como a associação de uma forma a um significado reflete o modo como o falante significa o mundo, seja ele real ou imaginário. Langacker (1991, 2003) equipara significado à conceptualização. Sendo assim, para ele, “a semântica deve procurar a análise estrutural e a descrição explícita de entidades abstratas como pensamentos e conceitos”. Interessa a essa pesquisa demonstrar como o falante lança mão de uma estrutura do tipo SN1 de SN2 para expressar diferentes relações de sentido, evidenciando como ele concebe um novo conceito a partir da associação entre dois conceitos já conhecidos por ele.

A seguir, apresentaremos uma breve revisão da literatura sobre o tema do presente artigo, como forma de explorar um pouco mais o objeto tomado para estudo.

### **O suporte da Literatura sobre o tema**

Muitas pesquisas, sob diferentes perspectivas teóricas, já foram realizadas acerca da semântica de construções lexicais sintaticamente complexas (LANGACKER, 1991, 2003; CALABRESE, 2011; STASSEN, 2009; JACKENDOFF, 2010; BOURQUE, 2014), sendo que os três primeiros estudos citados se debruçam sobre construções associadas ao domínio da POSSE, buscando atestar sua relação com outros domínios e verificar subtipos semânticos com ele relacionados. Os demais trabalhos investigam as diversas relações semânticas, para além daquelas vinculadas à POSSE, estabelecidas entre os referentes da construção, fazendo uma descrição mais detalhada de tais relações de sentido.

Embasados por essas fontes bibliográficas, assumimos que toda construção do tipo SN1 de SN2, no português, seria uma construção relacional e, em última instância, uma construção de ponto de referência, conforme proposto por Langacker (1991, 2003). O autor esclarece que algumas noções gramaticais universais podem ser descritas semanticamente

---

<sup>5</sup> No original: Lexical constructions and syntactic constructions differ in internal complexity, and also in the extent to which phonological form is specified, but both lexical and syntactic constructions are essentially the same type of declaratively represented data structure: both pair form with meaning.

no nível do protótipo e no nível do esquema. O primeiro baseia-se em um arquétipo conceitual caracterizado pelas experiências humanas; enquanto o outro nível invoca uma habilidade cognitiva básica. Assim, as noções de parte-todo, parentesco e propriedade são, para o autor, sentidos prototípicos das construções possessivas, sendo a última o sentido central.

Além disso, para ele, as relações de POSSE podem ser consideradas como arquétipos conceituais e ilustram a habilidade cognitiva do ponto de referência, no qual o indivíduo traça um caminho mental do ponto de referência até o alvo, dentro de um domínio específico. Nesse caso, o ponto de referência é o possuidor e o alvo, a entidade possuída. Desse modo, em *caderno de Maria*, o possuidor (Maria) direciona a atenção do falante e serve como ponto de referência cognitivo para a identificação e interpretação da entidade possuída (caderno), ou seja, o SN2 é o ponto de referência para a interpretação de SN1.

Um conceito importante para o estudo das construções em foco é o de composicionalidade. Construções relacionais parecem preservar o sentido das partes que formam o todo, sendo analisáveis também, ou seja, “os significados de cada um dos constituintes são representados de forma transparente no significado do composto como um todo”<sup>6</sup> (LIBBEN et al., 2003, 50).

Booji (2007) afirma que, ao formar um novo composto, conhecemos o significado de cada um de seus constituintes, e cabe a nós a tarefa de desvendar a relação semântica entre os nomes. Com base no significado de *cadeira* e de *praia*, por exemplo, o falante concebe *cadeira de praia*, colocando em proeminência, nesse caso, a relação de finalidade. Consequentemente, os usuários da língua precisam interpretar essa relação com base nos significados dos constituintes, no seu conhecimento de mundo e no contexto em que o composto é usado.

Na esteira da reflexão sobre semântica construcional, retomamos Bybee (2010), que diferencia a composicionalidade da analisabilidade<sup>7</sup>, destacando que ambos são parâmetros gradientes. A primeira é uma medida semântica e se refere ao grau de previsibilidade do sentido do todo a partir do sentido das partes que o compõem; já a analisabilidade é

<sup>6</sup> No original: “The meaning of each of the constituents are transparently represented in the meaning of the compound as a whole.”

<sup>7</sup> Traugott e Trousdale (2013) não diferenciam os dois parâmetros. Para os autores, a analisabilidade é uma medida da composicionalidade.



“o reconhecimento da contribuição que cada componente dá à conceptualização composta<sup>8</sup>” (LANGACKER, 1987, p. 292). Nessa linha, podemos citar *lua de mel* como exemplo de construção com algum grau de analisabilidade – já que, para o falante, ainda é possível reconhecer os itens que a integram –, mas cujo sentido global não é previsível a partir da soma do sentido de cada parte, individualmente; por isso, é considerada não composicional ou idiomática.

Bourque (2014), em seu estudo sobre os compostos no francês, estabelece um *continuum* de transparência semântica, que vai daqueles totalmente transparentes até os mais opacos, passando por compostos com algum nível de transparência. Sendo assim, com a finalidade de ilustrar a gradiência desse fenômeno nas construções estudadas aqui, tomemos alguns exemplos de colocações referentes ao escopo da pesquisa: *gordura de frango*, *casa de detenção* e *pano de fundo*. Na primeira colocação, entendemos que o núcleo (*gordura*) denota um produto obtido a partir do SN2 (*frango*), tratando-se de uma gordura específica que se opõe, por exemplo, a *gordura de porco*. É uma construção mais analisável, uma vez que o falante reconhece cada uma de suas partes como unidades individuais, e mais composicional, visto que o sentido da colocação como um todo é bem previsível no que concerne ao sentido das partes e da relação entre elas.

Como exemplo de colocação mais idiomatizada, temos *pano de fundo*, em que o sentido do todo não corresponde à soma do sentido das partes, uma vez que seu significado final remete à ideia de cenário, contexto etc. Embora possa apresentar algum grau de analisabilidade, a tendência é a de, em casos como esse, não se observarem elementos intervenientes, por exemplo. Nesse caso, para entender o sentido de *pano de fundo*, o falante precisa aprender o todo, isto é, não adianta conhecer o sentido das partes.

Por sua vez, a colocação *casa de detenção* apresenta um certo grau de analisabilidade, e o falante consegue inferir o sentido aproximado do todo a partir do sentido de suas partes, ou seja, chega à interpretação de “um lugar onde pessoas são detidas”, relacionando *casa* e *detenção*. Todavia a experiência de cada falante com usos dessa colocação o leva a saber, para além disso, que essa é a forma para se referir a uma unidade do sistema prisional brasileiro.

<sup>8</sup> No original: “recognition of the contribution that each component makes to the composite conceptualization.”

A gramática sofre constante impacto da experiência linguística do falante, e isso faz com que cada indivíduo a internalize de uma forma única. Conseqüentemente, falantes podem ter maior ou menor familiaridade com determinadas colocações de SN1 de SN2, dado que a experiência com dados de uso relativos a essas colocações varia de um falante para outro. É possível que um usuário da língua tenha internalizado *pano de fundo*, enquanto outro não alcance o seu sentido; da mesma forma, alguns podem ter, em sua gramática internalizada, *casa de detenção* como uma forma mais idiomatizada, enquanto outros, não.

Quanto mais frequente para o falante é uma colocação, mais ela será concebida como um todo indivisível e, conseqüentemente, será tomada com um sentido mais idiomático (e menos composicional) e, menos analisável. Assim, tomada como um único bloco cognitivo, também se enfraquecem as relações sintáticas internas (de núcleo e adjunto) da construção.

As construções relacionais do tipo SN1 de SN2 são caracterizadas por apresentar uma relação assimétrica entre os SN, já que o SN1 funciona como núcleo e o SN2 estabelece uma relação de adjunção com esse nome, modificando-o. No que tange ao núcleo, podemos classificá-los de duas formas: endocêntrico e exocêntrico (RAJENDRAN, 2001; BOURQUE, 2014; PEPPER, 2014)

As construções que são hipônimos de seu núcleo apresentam um núcleo endocêntrico. Se essa relação não puder ser identificada, temos uma construção com núcleo exocêntrico. De acordo com Pepper (2014, p.42, tradução nossa)<sup>9</sup>, “compostos endocêntricos denotam uma subclasse de itens referida por um de seus elementos (isto é, o núcleo); compostos exocêntricos denotam algo que é diferente de qualquer um de seus componentes”.

Considerando as colocações citadas anteriormente, podemos afirmar que *gordura de frango* é um tipo de *gordura*, mas essa mesma relação não pode ser estabelecida em *pano de fundo*, por exemplo, já que não se trata de um tipo de *pano*, tampouco de um *fundo*. Notamos, então, que o composto não apresenta um núcleo interno à construção, tratando-se, portanto, de um núcleo exocêntrico.

<sup>9</sup> No original: “Endocentric compounds denote a subclass of items referred to by one of their elements (i.e. the head); exocentric compounds denote something which is different from either of their components.”

Tendo isso em vista, vamos passar a explicitar a metodologia adotada para a pesquisa apresentada neste artigo, entendendo-a como uma pesquisa de cunho qualitativo que especula acerca do modo como o falante conceptualiza as suas experiências ao lançar mão de uma construção do tipo SN1 de SN2.

### Procedimentos de Análise

Esta pesquisa foi norteada pela hipótese geral de que a construção SN1 de SN2 é usada pelo falante para veicular diferentes relações semânticas entre SN1 e SN2, como finalidade, parte-todo, identificação, por exemplo, e que esses sentidos são construídos via uma habilidade cognitiva básica, a saber: a de ponto de referência (LANGACKER, 1991; 2003). Por esse motivo, apostamos que se trata de uma construção polissêmica.

Com o objetivo de descrever a polissemia da construção, seguimos as seguintes etapas metodológicas:

- i. Busca no *Corpus do Português*, com o objetivo de levantar o conjunto das 43 colocações mais frequentes de SN1 de SN2;
- ii. Observação e classificação das colocações resultantes, de acordo com as relações de sentido que evocam;
- iii. Descrição das diferentes relações de sentido capturadas por meio das colocações resultantes da busca no *corpus*.

Conforme apresentado em (i), coletamos o conjunto de colocações tomado para a presente análise no *Corpus do Português*<sup>10</sup>, que compreende um banco de dados *online* com vários segmentos para busca, dentre eles o Gênero/Histórico, consultado por nós. Essa parte do *corpus* possui uma base de dados com 45 milhões de palavras retiradas de aproximadamente 57.000 textos entre os anos 1300 a 1900. Para o século XX – sincronia observada em nossa análise –, há cerca de 20 milhões de palavras em diferentes gêneros (jornalístico, acadêmico, ficcional). As colocações a serem comentadas neste trabalho referem-se à modalidade escrita.

<sup>10</sup> Disponível em [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

No *corpus* escolhido, é possível realizar uma busca pelo padrão sintático 'N de N' e selecionar os dados por meio da sincronia que se quer analisar – em nosso caso, o século XX. Por meio da busca, é gerada uma lista das colocações correspondentes, hierarquizadas das mais frequentes para as menos frequentes. Conforme mencionado na introdução do artigo, não consideramos, em nossa análise, casos em que o SN2 estava precedido de determinante (*banqueta do bar*) ou em que era um referente determinado (*irmão de Pedro*).

Uma vez coletadas as colocações mais frequentes no que concerne ao conjunto circunscrito ao *corpus* e restringido, posteriormente, para garantir que apenas colocações da construção relacional do tipo SN1 de SN2 com SN2 não definido fossem consideradas, fez-se uma interpretação dos dados concernentes a cada colocação e se chegou a uma classificação semântica da relação entre SN1 e SN2 que, prototipicamente, cada uma evoca.

Cumprida a etapa de análise de dados e a conseqüente distribuição das colocações em categorias de relações de sentido, passou-se a explicitar como cada categoria se caracteriza, de modo a argumentar a favor da polissemia de SN1 de SN2. A argumentação foi baseada, conforme os exemplos vêm a ilustrar, pelos dados coletados no *Corpus do Português*.

Finalizando a análise a que nos propomos no presente artigo, optamos por selecionar duas das colocações coletadas e procuramos incorporar uma reflexão mais pormenorizada acerca da composicionalidade das mesmas. Isso porque, embora se possa refletir sobre essas questões a partir das colocações resultantes da busca no *corpus*, acreditamos que uma nova análise em contextos de usos mais diversificados poderia nos oferecer informações acerca do comportamento dessas colocações menos circunscritas a gêneros pré-determinados.

Sendo assim, como forma de incrementar a análise proposta no artigo, foi feita uma busca de duas colocações, a saber, *fim de semana* e *Chefe de Estado* no *Google*, quando foram observados os contextos de usos das referidas colocações nas 5 primeiras páginas do resultado da busca. Como resultado, foi possível ter, no contexto da construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2, alguns *insights* sobre como os falantes

encaram as formas de sua língua e como essa se mostra difundida dentro de uma comunidade linguística.

### **A construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2**

Na análise, buscaremos comprovar nossa hipótese de que as construções em foco compartilham o esquema sintático SN1 de SN2 para veicular diferentes relações de sentido, bem como se associam a uma habilidade cognitiva básica, definida por Langacker como ponto de referência (LANGACKER, 1993; 2001). Passamos, agora, a apresentar uma proposta de classificação das relações semânticas prototipicamente associadas a cada umas das colocações coletadas no *corpus*. Os elementos componentes dos esquemas associados a essas relações semânticas serão tratados, ao longo da análise, como X e Y, em que Y é geralmente tomado como ponto de referência para se conhecer X – assim, entende-se que o falante estabelece uma conexão mental entre X e Y.

Considerando as 43 primeiras colocações selecionadas pelo critério de frequência de ocorrência, as relações de sentido encontradas, por meio da análise dos usos dessas colocações foram identificação (8 colocações; 1310 dados), parte-todo (2 colocações; 520 dados), finalidade (5 colocações; 900 dados), especialização (14 colocações; 2012 dados) e tipificação (14 colocações; 1919 dados).

#### 1) Parte-todo (X é parte de Y)

Estão inclusas, nesse esquema, as construções que apresentam relações de meronímia. Nesse grupo, o X é parte de um todo, representado por Y. Há uma relação partitiva entre os nomes, sendo que a parte tende a corresponder ao primeiro nome e o todo, ao segundo. Dessa forma, o nome anterior à preposição seleciona preferencialmente uma parcela do conjunto (todo) referido por Y. Vejamos o exemplo a seguir:

(1) Carmo faz a sua caveira aí na carta! “Auta suspirou fundo, o que nela era uma forma de blasfemar. Desdobrou a fôlha de papel, ajeitou os óculos: - Vou verificar primeiro se posso ler alto. Maria do Carmo é tão inconseqüente, às vêzes! - Pois não. Mesmo porque se trata das minhas credenciais. Auta leu as duas páginas em silêncio. Tornou a virar a fôlha e então

leu alto: Querida mamãe. Pedi a d. Jacira que avisasse que nós estaríamos ai hoje para o almoço e um agradável **fim de semana**. (*Corpus do Português*, séc. XX)

No exemplo anterior, observa-se que a colocação *fim de semana* é formada por meio de uma relação de parte-todo, em que o todo (semana) é o usado como ponto de referência para se especificar de que fim está se falando – ou seja, à parte da semana correspondente aos dias de descanso total ou parcial, pelo menos para uma parte da população, que sucede os dias da semana em que a maioria das pessoas trabalha. A colocação já se estabeleceu (ao lado de *final de semana*) como uma forma coletivamente acordada de se referir a ‘sábado e domingo’ e, por isso, é esperado que esteja disponível para os falantes e que tenha uma leitura em bloco, menos composicional. Também se espera que, nesse mesmo sentido, apresente um grau relativamente baixo de analisabilidade.

## 2) Finalidade (Y é a finalidade para que X é feito)

Nessa relação, o Y representa a finalidade ou a função de X, isto é, Y indica para que serve o X. Em outras palavras, o modificador traz a informação sobre a serventia do núcleo, como podemos observar em *cadeira de praia*, *material de desenho*. Vejamos um exemplo retirado do *corpus*:

(2) “É deveras alvissareiro que um **centro de estudos** desse quilate venha a estabelecer-se no Rio Grande do Sul, por iniciativa da Fiergs, com o propósito de, através de seus estudos, proporcionar a tão necessária organização.” (*Corpus do Português*, séc. XX)

Nesse exemplo, o núcleo (*centro*) refere-se a um local que tem como objetivo de promover o estudo de um ou mais de um tema. Essa construção se opõe a outras, como *centro de convenções* ou *centro de pesquisa* pela especificidade em termos da finalidade do centro. Nesse sentido, toma-se *estudos* como ponto de referência para se conhecer o *centro*. *Centro de estudos* é uma colocação recorrente na língua portuguesa, como mostra o resultado da busca no *corpus*.

Ao ser comparada com colocações como *fim de semana*, também se observa que *centro de estudos* apresenta uma leitura mais composicional e mais analisável. O sentido final da colocação pode ser depreendido do sentido de suas partes componentes e é possível reconhecer cada parte da construção como uma unidade formal separada das demais. Como toda e qualquer forma da língua, pode ser internalizada como uma construção gramatical, a depender da experiência linguística de cada indivíduo; ainda, poderíamos postular que essa se mostra menos amplamente difundida na comunidade linguística, dada a sua aplicabilidade mais restrita, do que *fim de semana*, por exemplo.

### 3) Identificação (Y identifica X)

Diferentemente dos casos anteriores, a relação de identificação não expressa uma finalidade ou uma relação de parte-todo entre os referentes, mas constrói uma relação em que Y particulariza X, como o que se vê em *chefe de Estado*, *imposto de renda*, *nome de guerra*. Vejamos o exemplo abaixo:

(3) Nos últimos dias, o debate sobre esse tema demonstrou que uma decisão de clemência geral para todos os exterroristas é muito difícil. A decisão cabe ao **chefe de Estado** (o presidente Oscar Luigi Scalfaro). Eu limito-me a afirmar que uma clemência geral é muito improvável, mas medidas individuais nesse sentido poderão ser consideradas. (*Corpus do Português*, séc. XX)

O exemplo anterior mostra que *Estado* é usado como ponto de referência para se identificar *chefe*. No caso, *chefe de Estado*, conforme se apresenta, é interpretado como um todo, um bloco, referindo-se àquele que possui o cargo mais alto de um país. Embora analisável, a interpretação tende a ser não composicional.

### 4) Especialização (Y é a especialidade de X)

Na relação de especialização, Y indica o interesse, área de atuação ou conhecimento relacionado a X. Esse é o caso de: *conselho de administração*; *conselho de segurança*; *Faculdade de*

*Direito* etc. O exemplo ilustra um uso de uma colocação que constrói esse tipo de relação entre X e Y.

(4)“A essas ações, conforme disposto no artigo 18 da lei de regência, os estatutos atribuiriam o direito especial de eleger, em votação separada, um terço dos integrantes do **conselho de administração**.” (*Corpus do Português*, séc. XX)

Nesse exemplo, entende-se que a administração é a especialidade do conselho. Dessa forma, para se entender em que área aquele conselho atua, toma-se como ponto de referência a área da *administração*. Conforme se observa no exemplo, conselho de administração é o nome de um corpo administrativo, cujos membros variam e são escolhidos via eleição. Sendo assim, fazem parte da estrutura organizacional de uma empresa, instituição etc., recebendo uma interpretação menos composicional, com algum grau de analisabilidade.

#### 5) Tipificação (Y tipifica X)

Na relação de tipificação, como a que ocorre, por exemplo, em *base de dados*, *dióxido de carbono*, *bolsa de valores*, *mercado de trabalho*, *medalha de ouro*, *dor de cabeça*, entre outros, há uma relação de detalhamento entre os nomes em que SN2 estabelece qual o tipo de SN1 Segue um exemplo:

(5) A BNDES Participações S.A. (Bndespar), subsidiária do BNDES, venderá, amanhã, às 13h30min, em leilão na **Bolsa de Valores** do Rio de Janeiro, um lote de um bilhão de ações ordinárias nominativas da Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba), ao preço mínimo de R\$ 66,35 por lote de mil ações - num valor total de R\$ 66,35 milhões. (*Corpus do Português*, séc. XX)

Em (5), é possível verificar uma relação em que *Valores* vai tipificar *Bolsa*, de modo que Bolsa de Valores é um tipo de *bolsa* que se diferencia de *bolsa de apostas*, por exemplo. No caso de Bolsa de Valores, o que ocorre, conforme ilustra o exemplo, é que a colocação é idiomáticamente interpretada como o lugar onde se comercializam ações de certas empresas. Em função disso, há, claro, alguma perda de analisabilidade, uma vez



que, sendo o nome convencionalizado do lugar, tenderá a apresentar menos material interveniente.

Tendo tudo isso em vista, chegamos a, pelo menos, 5 sentidos relacionados com SN1 de SN2 sem referência definida, a saber: finalidade, parte-todo, identificação, especialização e tipificação. Em todos eles, um referente é usado para se conhecer outro (a partir da habilidade básica de ponto de referência) e, assim, construir um conceito da combinação de ambos, por meio de alguma relação de sentido. Dessa forma, a construção se mostrou polissêmica, conforme hipótese central do presente artigo.

A construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 é uma construção de que o falante lança mão para construir novos significados com base no estabelecimento de relações entre referentes já conhecidos por ele. Sendo uma construção formadora de léxico, como pôde ser visto, seus usos tendem a dar nome a um determinado elemento do universo – real ou imaginário, concreto ou abstrato que envolve o falante. Sendo uma forma eficiente de comunicar um dado sentido, algumas colocações passaram a ser convencionalizadas numa dada língua, ou seja, estão disponíveis para um conjunto grande de falantes.

Sendo assim, conforme os exemplos mostraram, alguns desses nomes tendem a expressar conceitos mais cotidianos e abrangentes em termos dos contextos em que serão empregados (caso de *fim de semana*, *dor de cabeça* etc.), outros serão mais restritos (a exemplo de *conselho administrativo*, *chefe de Estado* etc). Consequentemente, os falantes terão mais oportunidades de ter experiências com colocações formadoras de conceitos mais diretamente relacionados com o universo de qualquer falante do que com aquelas que formam conceitos que afetam de forma mais restrita uma parcela da comunidade linguística.

No que diz respeito a esses usos, postulamos a existência de um *continuum* entre difusão mais local (como no primeiro caso) ou mais global (como no segundo caso) das formas da língua, a depender de onde e como se comportam em uma dada cultura. Quando fazemos uma busca no site do *Google* pela colocação *fim de semana*, por exemplo, temos como resultado *sites* que falam de ortografia, anúncios de programação cultural, sites sobre previsão de tempo, bem

como notícias que ocorreram no fim de semana anterior à postagem, como morte de alguma pessoa famosa, acidentes em estradas etc. Como pode ser visto, são *sites* de interesse coletivo que têm um alcance social grande e mais diversificado.

Por sua vez, outras construções, como *chefe de Estado*, ocorrem mais frequentemente em *sites* de jornais, na área de economia, em *sites* oficiais do governo etc., o que demonstra alcance mais local dessa colocação, uma vez que, conforme o resultado da busca indica, participa da experiência linguística de uma parcela menor da sociedade.

Por fim, com relação à análise, cabe comentarmos que a construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 apresenta núcleo endocêntrico, ou seja, mantém uma relação assimétrica entre os SN dentro da construção. Isso pôde ser observado em todos os dados coletados por nós. Ainda assim, acreditamos que colocações como *lua de mel*, por exemplo, que apresentam alta idiomaticidade, tendem a promover um enfraquecimento das relações sintáticas entre os nomes que compõem a construção, caminhando de uma relação endocêntrica para uma relação exocêntrica entre os nomes.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista o que foi dito anteriormente, este estudo se propôs a descrever a construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2, restringindo a análise ao conjunto de dados em que o SN2 não tem referência definida. A análise, concernente ao conjunto de dados observados por meio de sua vinculação com as 43 colocações mais frequentes da construção, obteve o seguinte resultado: confirmamos a hipótese de que o falante usa uma habilidade cognitiva básica – a saber, a de ponto de referência –, para, tendo por base conceitos conhecidos, formar um conceito novo.

Também demonstramos que a construção, além de relacional, é polissêmica, pois a forma SN1 de SN2 pode ser associada a diferentes sentidos, tais como o de parte-todo, finalidade, identificação, especialização e tipificação. Os resultados obtidos se circunscrevem à fatia do *corpus* selecionado e, por conta de a natureza dos textos que o compõem gerar, como resultado, colocações bastante características da cultura letrada.

Por fim, ressalta-se que a avaliação da analisabilidade e da composicionalidade além, especialmente, do tipo de núcleo (endocêntrico ou exocêntrico) dependem fortemente de um detalhamento mais exaustivo dos dados coletados no *corpus*, o que deverá ser apresentado em outro momento. Sendo assim, neste artigo, apresentamos um panorama com alguns *insights* acerca de como esses parâmetros se revelam importantes para o melhor entendimento do conhecimento internalizado que os falantes têm de sua língua.

## REFERÊNCIAS

BOOIJ, Geert. 2007. *The grammar of words: an introduction to linguistic morphology*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

BOURQUE, Yves Stephen. *Toward a typology of semantic transparency: the case of French compounds* (PhD dissertation). University of Toronto, 2014.

CALABRESE, Rita. *Living on the edge of two languages: a contrastive analysis of possessive constructions in Smaro Kamboureli's In the Second Person*. University of Salerno, 2011.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p 13-51.

HAIMAN, John. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edimburgo: Edinburgh: University Press, 2014.

JACKENDOFF, Ray. *Meaning and the lexicon: the parallel architecture, 1975-2010*. New York: Oxford University Press, 2010.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. v.1 Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar*. v.2. Stanford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. Strategies of clausal possession. *International Journal of English Studies*. v.3, n.2, p. 1-24, 2003.

LIBBEN, Gary, Martha Gibson, Yeo Bom Yoon, and Dominiek Sandra. Compound Fracture: The Role of Semantic Transparency and Morphological Headedness. *Brain and Language* v. 84, n.1, p. 50-64, 2003.

PEPPER, Steve. *The typology of binominal lexemes: Noun-noun compounds and their functional equivalents*. University of Oslo PhD dissertation PEPPER, S, 2014.

RAJENDRAN, Sankaravelayuthan. *Word formation in Tamil*. (UGC sponsored Major Project Report in manuscript). Thanjavur: Tamil University, 2001.

STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

TALMY, Leonard. Grammatical construal: the relation of grammar to cognition. In: GEERAERTS, Dirk (org.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TRAUGOTT, Elisabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WINSTON, Morton E.; CHAFFIN, Roger.; HERRMANN, Douglas. A taxonomy of part-whole relations. *Cognitive Science*, 11:417-444, 1987.

## **Abstract**

### **Polysemic relational construction NP1 of NP2 in Brazilian Portuguese**

*In this work, we will describe the relational construction NP1 de NP2, in Brazilian Portuguese, in terms of the different meanings this form can be associated with such as purpose, part-whole, identification, among others. We argue in favor of the hypothesis that those senses present similarities that could be associated with Langacker's reference-point model (Langacker, 1991; 2003). The analysis is based on a Usage-based perspective of language, which assumes that grammar is modeled by the general-domain cognitive process and is sensitive to the speaker's experience.*

**Keywords:** *Constructions. Polysemy. Usage-based Linguistics.*